



## Você sabia que...

*O Conselho de Patrimônio Histórico e Cultural de Capinópolis lançou uma revista em quadrinhos. Dê uma olhada para entender um pouco mais sobre patrimônio!*



À medida em que a visita à comunidade quilombola prosseguiu, o grupo teve a oportunidade de participar de diversas atividades que ilustravam a riqueza cultural e histórica do local. Eles se envolveram na produção de artesanato utilizando técnicas tradicionais passadas de geração em geração. Isso reforçou a importância dos saberes ancestrais como uma possibilidade de experiências nas comunidades tradicionais.

A experiência de amassar o barro e tentar várias vezes formatar algum objeto foi divertida e ao mesmo tempo desafiadora. Parecia fácil, mas precisava de técnica e prática, que os visitantes ainda não possuíam. Assim como alisar a peça para não ter nenhuma imperfeição, usando uma pedrinha, como colocar para secar, arrumar para fazer a queima, definir a temperatura adequada e a forma de acender o fogo, e depois como pintar as peças. Tudo sempre com muitas condições que dependem do tempo, da chuva, da lua, até do humor de quem está fazendo o trabalho. Muitas informações e risadas depois, o grupo seguiu.

Jamila disse: “Você sabia que muitas das técnicas que usamos na cerâmica foram aprimoradas com a ajuda dos indígenas? Quando nossos ancestrais chegaram aqui, eles trouxeram consigo conhecimentos valiosos, mas foi a troca com os povos indígenas que enriqueceu ainda mais nossas práticas.”

Maiara concordou: “Sim, a cerâmica é um excelente exemplo disso. Nossos povos já tinham uma longa tradição de trabalhar com barro, criando utensílios e artefatos. Quando nos encontramos com os africanos, houve uma troca de técnicas e conhecimentos. Por exemplo, o uso de certas ervas para dar cor ao barro e as formas de queima foram influências mútuas.”

“E não foi só na cerâmica. Muitos dos nossos remédios naturais e práticas agrícolas também são fruto dessa integração. A sabedoria dos nossos ancestrais africanos se uniu à sabedoria dos povos indígenas para criar um conhecimento ainda mais rico e adaptado a esta terra.” continuou Jamila.

Carlos, curioso, perguntou: “Então, essa integração de saberes é algo que continua até hoje?” foi Jamila quem respondeu: “Com certeza. Continuamos a compartilhar e aprender uns com os outros. É uma forma de manter viva a nossa cultura e de garantir que esses conhecimentos não se percam. A cerâmica que vocês estão fazendo hoje é um testemunho dessa herança compartilhada.”

Dona Maria completou: “E é por isso que é tão importante que vocês estejam aqui hoje, participando dessas atividades. Ao aprender e valorizar esses saberes, vocês ajudam a preservá-los e a reconhecer a importância das nossas culturas.”

Foram caminhando até a roça, onde eram cultivadas plantas típicas da região, muito consumidas pela população local. D. Maria explicou: “Aqui cultivamos mandioca, inhame, batata-doce e outras raízes. A melhor época para o plantio é durante a estação das chuvas, e a colheita ocorre alguns meses depois.”

Maiara e Carlos ficaram admirados com as técnicas de cultivo, que eram diferentes das que conheciam. Maiara comentou: “Na minha comunidade, usamos métodos diferentes para plantar e colher.”

Carlos acrescentou: “Essas práticas são passadas de geração em geração e se adaptam ao clima e ao solo de cada região.”

D. Maria sorriu e disse: “Essa sabedoria é fruto de muitos anos de observação e aprendizado. Nossos antepassados nos ensinaram a trabalhar com a terra de forma sustentável, respeitando os ciclos naturais.”

O grupo seguiu adiante e visitou uma casa de farinha, onde puderam observar o processo de produção da farinha de mandioca. Jamila explicou: “Depois de colher a mandioca, ela é descascada, ralada e prensada para retirar o excesso de líquido. Em seguida, a massa é peneirada e torrada em grandes fornos de barro.”



## Momento de reflexão e debate:

*Consegue identificar em seus costumes a herança dos seus ancestrais?*

*Quais saberes e fazeres aprendeu com seus familiares mais velhos? Quais saberes e fazeres você pretende ensinar para os mais novos?*

*Você percebe que essas são as suas raízes?*

*Compartilhe com sua turma.*

A habilidade e a precisão necessárias para cada etapa do processo, chamou atenção. “É um trabalho árduo, mas o resultado é uma farinha de alta qualidade.” disse Jamila.

Depois, o grupo foi até um moinho movido por roda d’água, onde a cana de açúcar era moída para produzir várias coisas, como rapadura e melado. Dona Maria explicou: “Este moinho é movido pela força da água do rio. É uma técnica antiga que aproveita os recursos naturais de forma eficiente e sustentável.”

Maiara, fascinada, comentou: “Na minha comunidade, usamos moinhos manuais. É incrível ver como a roda d’água facilita o trabalho e aumenta a produção.”

Enquanto experimentavam o caldo da cana Luzia comentou: “Essa integração de técnicas tradicionais com o uso de recursos naturais é um exemplo perfeito de como podemos viver em harmonia com a natureza.”

Mel levantou uma questão: “Essas práticas que vimos hoje também podem ser consideradas tecnologias sociais?”

Jamila assentiu: “Sim, Mel. As tecnologias sociais são desenvolvidas a partir das necessidades e conhecimentos das comunidades. Elas são sustentáveis e acessíveis. Por exemplo, o uso da roda d’água no moinho ou as técnicas de cultivo que respeitam os ciclos naturais são tecnologias das comunidades. Mas a universidade nos ajudou a aprimorar os fornos e os agrônomos do governo trouxeram mudas e sementes mais resistentes a pragas”.